

Cláudia Da Silva
Paranhos

Bacharel e Licenciada em
Artes Visuais (UFRGS),
Mestre em Artes Visuais
(UFPEL), Doutoranda
em Educação (UFPEL).
<https://orcid.org/0000-0001-9750-937X>;
clauparanhos@
yahoo.com.br

Aula feia: ação artística propositiva participativa e coletiva

*Ugly lesson: an artistic, participative,
propositive and collective action*

Resumo: Os objetos *Bonecas Feias* são a poética pela qual investigo questões estéticas referentes ao que se considera “belo ou feio” na arte e na sociedade. Enquanto artista e educadora, criei, a partir desses objetos, a ação artística propositiva e participativa *Oficina de Bonecas Feias*, em que o público interage criando a sua própria *Boneca Feia*. A experiência de um furto de meus equipamentos na véspera da realização de uma Oficina gerou a reflexão descrita neste artigo, à qual denominei de *AULA FEIA*.

Palavras-chave: Artes visuais; Educação; Performance; Bonecos.

Abstract: *The objects called Bonecas Feias ("Ugly Dolls") are the foundation for my artistic poetic through which I investigate aesthetic issues referring to the categories of what is considered as the beautiful and the ugly in art and society. As an artist and educator, I have created the propositive and participative art action based*

on these objects called Oficina de Bonecas Feias ("Ugly Dolls Workshop"), in which the public interacts by creating its own Boneca Feia (Ugly Doll). The experience of having my equipment robbed just before a workshop generated the reflection described in this article, which I called Aula Feia (Ugly Lesson).

Keywords: Visual arts; Education; Performance; Dolls.

Introdução

Minha trajetória enquanto artista e professora de artes, dentre muitas coisas, abrange trabalhos como oficinaira, performer, letrista, bonequeira, cruzando palcos, salas de aula na escola formal, ateliês, museus, através de mídias diversas que abrangem desde a instalação, as ações artísticas coletivas, a performance, o objeto, a fotoperformance, até formatos mais tradicionais como a pintura e escultura. Essa pluralidade de meios e formas se conecta por intermédio das suas múltiplas questões, discutindo o rigor dos cânones e padrões da sociedade, as normas culturais, bem como dialogando com referências artísticas. Segundo Umberto Eco (1999), uma obra acontece quando apresenta interconexões polidimensionais que servem de acessos para experiências.

Desde o começo de minhas atividades, há dezesseis anos, cultivava uma vontade, um sonho, de ministrar oficinas de artes no Atelier Livre da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. O Atelier Livre é um espaço de educação em arte fora da academia, no entanto de grande importância para a classe artística da cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, local tradicional onde eu mesma já fui aluna. Localizado dentro do Centro Municipal de Cultura, ao lado de uma imensa Biblioteca Pública e de dois Teatros que frequentei desde criança, e onde já trabalhei como atriz e como performer, é um lugar repleto de afetos e simbolismos para mim. Ao longo de minha trajetória, em diversas oportunidades, tentei alcançar este objetivo, apresentando projetos, sem sucesso. Tendo finalizado o meu mes-

trado, no começo de 2018, vi surgir uma oportunidade por meio de um edital de seleção para cursos temporários no Atelier Livre.

Dediquei dias de absoluta concentração para escrever o que considerava, ingenuamente, “o projeto perfeito”. Regularizei meus documentos, paguei taxas com altos valores de atraso de impostos de minha micro empresa (que abri sem nunca usar de fato, por ter uma renda muito abaixo da necessária para existir como empresa) e, tendo conseguido finalizar um longo processo, enviei o projeto, feliz (apesar de quase falida). Alguns dias depois, chorei ao saber que havia passado em primeiro lugar na minha categoria, ou seja, o sonho estava se realizando. Chorei novamente, dias depois, ao saber que o concurso fora impugnado por um participante não aprovado que encontrou um problema na formação da banca. Não haveria mais a contratação por meio do concurso no qual havia me classificado excepcionalmente bem. Uma nova seleção seria aberta e recomecei a preparar o material para concorrer novamente. Desta forma, depois de quase desistir por achar impossível passar novamente, reuni forças e esperança e inscrevi, pela segunda vez, o meu projeto.

Aprovei novamente o projeto, dessa vez em uma posição bastante diferente da anterior e que possivelmente impossibilitaria a realização do meu curso. Fui pessoalmente saber o que estava acontecendo. Estava inconformada com a avaliação tão diferente da anterior. Garantiram-me que o meu curso seria realizado na próxima chamada. Meses se passaram até que finalmente fui chamada. O curso aconteceria. Feliz, e um tanto incrédula, comecei a preparar com meses de antecedência as primeiras aulas, de acordo com o cronograma apresentado na ocasião do concurso. Chegara o verão e passei a estação mais quente do ano trabalhando incansavelmente nisso, ansiosa que estava, juntando material para o que seriam, na

minha cabeça, as aulas dignas de honrar meu sonho. Enquanto isso, com medo da possibilidade de nenhum aluno se matricular, trabalhava de forma insistente na divulgação. Foram meses de envolvimento emocional, afetivo, intelectual, que materializaram-se virtualmente em uma pasta no meu computador, à qual eu acrescentava cada ideia nova dia após dia, construindo delicadamente, pouco a pouco, ponto a ponto como uma costura, um bordado, aquele momento desejado por anos. As aulas tomavam ares de espetáculo, de *performance*, de obra de arte, tamanha dedicação e paixão.

Veio, enfim, a chamada da organização. Foi marcada a data do primeiro dia e a ansiedade era crescente. No final de semana anterior ao grande dia (que seria numa segunda-feira, 10 de março de 2019), haveria uma viagem de trabalho para a abertura de uma exposição para a qual fora artista convidada, numa cidade vizinha, Caxias do Sul, na sexta-feira: a mostra *Placentária*, na Galeria Municipal de Arte Gerd Bornheim. A felicidade não cabia no peito, eram muitas realizações ao mesmo tempo. Na mesma semana, começariam também as minhas aulas no curso de Doutorado em Educação na Universidade Federal de Pelotas, um outro sonho acalentado por anos. Viajei para a exposição, realizamos a montagem e a abertura, que foram um sucesso. Dormimos lá, para retornarmos no dia seguinte, um sábado.

Eu estava radiante naquela manhã de sábado e sentindo a raríssima sensação de que, finalmente, a vida estava em seu curso. Tudo estava em seu lugar. Anos de muito estudo e trabalho, finalmente, se encaminhando para algum resultado. Pegamos a estrada e paramos num restaurante no caminho, numa pequena cidade de interior, para o almoço. Chovia. Estacionamos em meio a muitos outros carros. Esperamos um bom tempo por uma mesa. Almoçamos

rindo, brincando, felizes. Ao sairmos, fiz uma foto da paisagem do lugar com meu celular. Ao entrarmos no carro, veio a surpresa: todos os nossos objetos pessoais haviam sido furtados de dentro do carro, do estacionamento do restaurante. Minha mochila, com meus documentos, chaves de casa, livros, materiais de trabalho e... Meu computador com quatro anos de pesquisa e todo o meu trabalho para o curso que iniciaria dali a dois dias.

(...)

O que aconteceu a seguir, passado o choque inicial, foi a adaptação urgente à nova realidade. Ainda naquele dia, foi preciso resolver rapidamente os problemas práticos: registro na delegacia, cancelamento do cartão do banco, mudança de senhas de todas as redes sociais e aplicativos abertos em meu computador (que não tinha senha de acesso e, portanto, estava aberto na mão daquelas pessoas). Depois, correr em pleno sábado à noite atrás de carregador de celular para não ficar incomunicável e, ainda, o mais complicado: arrombar minha própria casa com a ajuda de um profissional, e fazer novas chaves, cujos valores exorbitantes precisei recorrer a amigos para saldar. Além de operar constantemente com o mínimo de dinheiro, naquele momento eu estava sem cartão e sem um centavo no bolso. No dia seguinte, um domingo, véspera do que deveria ser um dos dias mais felizes da minha vida por iniciar o curso dos meus sonhos, eu me encontrava na mais profunda depressão. Minha mente refazia, sem que eu pudesse controlar, as cenas em *looping*: buscava motivos, culpas, contabilizava as perdas materiais e, principalmente, todo o trabalho de anos que se foi dentro do computador.

Temendo por minha sanidade mental, mandei uma mensagem para uma amiga psicanalista, e pedi por socorro. Pedi-lhe algum di-

álogo interno que me fizesse parar aquela turbulência interna e me permitisse continuar vivendo normalmente naqueles dias. Ela prontamente me respondeu: “*tudo o que supostamente perdeste está dentro de ti e ninguém, jamais, poderá levar*”. Ao ouvir aquela resposta, respirei aliviada como se realmente tivesse recuperado tudo. (E, eventualmente, até hoje, quando meu cérebro resolve lembrar e lamentar pelo ocorrido, como nesse exato momento em que escrevo e revivo a experiência, tranquilizo a mim mesma com o mesmo argumento: está tudo aqui.)

No entanto, a aula do dia seguinte ainda deveria acontecer e eu não tinha mais computador ou qualquer material da aula preparada anteriormente. Consegui, em meio aos meus e-mails, num computador emprestado, uma apresentação antiga de minha pesquisa que poderia servir num primeiro momento e com algumas alterações. Entretanto, meu estado emocional continuava precário e sentia-me sem condições de apresentar qualquer coisa que fosse. Foi então que, após uma conversa com um amigo, percebi que estava lutando contra algo que era justamente o assunto de minha pesquisa: o acaso, o erro, o feio. Tudo o que acabo de relatar, sem que eu soubesse, já fazia parte do processo de criação da aula que estava por vir.

O objeto de minha poética visual e pesquisa acadêmica desenvolvida no Mestrado em Artes Visuais, com ênfase em Arte Contemporânea, concluído em 2018, consiste no que denomino de *Bonecas Feias*. Os bonecos (feitos manualmente com materiais diversos, em sua maior parte tecidos) são o principal meio pelo qual observo e investigo, de forma irônica e lúdica, as questões artísticas e culturais associadas a padrões do corpo na arte e na contemporaneidade, particularmente em relação ao que se considera “bello” ou “feio”, e o modo como a nossa construção de subjetividade possa ser influenciada.

O surgimento das *Bonecas Feias* trouxe para a materialidade uma reflexão estética que há muito cultivava e observava, enquanto artista e enquanto educadora, tanto no que se refere ao que se considera bonito ou feio (na vida e na arte), quanto no aproveitamento dos acasos e erros para a criação – e conseqüentemente, ou principalmente, para a vida. Como diria Hélio Oiticica, em *Escritos de Artistas*,

[...] eliminar toda relação de representação e conceituação que porventura haja carregado em si a arte (...). A arte é um dos pináculos da realização espiritual do homem e é como tal que deve ser abordada, pois de outro modo os equívocos são inevitáveis. (OITICICA, 2009, p. 86).

Trata-se, então, da abertura à compreensão da problemática essencial da arte e não de um fechamento hermético de conceitos e dogmas, que são inconciliáveis com a própria criação. E, indo mais além, a arte possibilitando essa mesma abertura no que diz respeito à vida.

O objeto *Bonecas Feias* inspirou a ação artística *Oficinas de Bonecas Feias*: quando o fazer boneca precisou do outro. O que aconteceu foi o convite a outras pessoas para que viessem experimentar as sensações táteis e invisíveis, mas igualmente profundas, que a mim causavam aqueles fazeres. A criação de pequenos seres sem moldes, sem cobranças, sem padrões. A intenção era perceber no outro o que já sentia em mim mesma, para então poder compreender mais amplamente o que ocorria naquele processo. No entanto, ao incluir o outro enquanto criador conjunto, a boneca cresceu, como um corpo que ganha massa, e cada célula era uma daquelas pessoas que faziam sua própria boneca feia.

Percebi-me propositora, além de fazedora. De maneira que aqueles todos objetos criados e seus criadores pertencessem a uma grande escultura *Boneca Feia* em infinito processo de criação. Numa alusão exata do que é a vida. A obra viva, conforme Umberto Eco, que se liberta das limitações de um único corpo para manifestar-se em liberdade, em todas as direções. Em concordância com Oiticica, “Tudo o que era antes fundo, ou também suporte para o ato e a estrutura da pintura, transforma-se em elemento vivo.” (OITICICA, 2009, p. 82). Assim como o mesmo em seu trabalho *Penetráveis*, onde o público era convidado literalmente a adentrar na obra, penso que, nas oficinas, a relação entre o espectador e as *Bonecas Feias* se aprofunda numa integração completa, pois que virtualmente é ele colocado no centro da obra, quando participa ativamente da mesma.

As Oficinas são vivências de grupo/ações artísticas/*happenings* nos quais proponho a criação de bonecos de forma espontânea e intuitiva, que comecei a realizar em 2015, paralelamente às próprias *Bonecas Feias*. Nas Oficinas, transformo as *Bonecas Feias* em uma ação, coletiva e interativa, onde cada participante é criador (não somente do seu boneco/a), mas de uma obra criada em grupo: a ação *Boneca Feia*. Essa ação reverbera em formatos inimagináveis, saindo totalmente do controle: para além daquele objeto boneco que a pessoa fará. De acordo com Oiticica,

[...] a anti-arte é a compreensão e razão de ser do artista, não mais como um criador para contemplação, mas como um motivador para a criação – a criação como tal se completa pela participação dinâmica do “espectador”, agora considerado “participador”. (OITICICA, 2009, p. 77).

O curso ao que me refiro neste artigo, aprovado em edital no

Atelier Livre, foi uma proposta de formato estendido de oito meses da *Oficina de Bonecas Feias*. Foi a primeira e única experiência nesse formato. No mesmo ano da aprovação no edital, meu projeto de pesquisa também foi aprovado no Doutorado em Educação na Universidade Federal de Pelotas, na linha de Pesquisa Epistemologias Descoloniais, Educação Transgressora e Práticas de Transformação.

Através das oficinas, posso analisar e explorar as possibilidades do tema e, simultaneamente, oportunizar que os participantes desenvolvam sua própria linguagem e expressão pessoal. Por imitarem seres, sejam pessoas ou animais, bonecos são brinquedos emocionais, que convidam à introspecção, onde exercitamos o cuidado de si e do outro. As *Bonecas Feias*, em sua singularidade, estimulariam a abertura desses participantes para seus próprios anseios. Não ter a obrigação de acertar, de “fazer bonito”, traria em si a liberdade de produzir sem receitas sabendo que a própria produção é relevante.

Mais do que uma Oficina de Artes, a criação da *Boneca Feia* é o ato de apoiar as pessoas a tornarem-se o que já são. Afetar. Permitir e auxiliar esse processo. Propor que cada participante seja um criador em si, e de si. Para tanto, é preciso estar disponível e aberto. Meu trabalho nas Oficinas é criar o ambiente que gere essa abertura. Assim, criei uma aula baseada nas minhas oficinas de artes para crianças, as quais ministro desde 2003, inicialmente fundamentadas na pedagogia triangular de Ana Mae Barbosa, que se sustenta em três pilares: conhecer a história da arte, fruir/apreciar a obra de arte, fazer/produzir/criar arte.

1968: Nós somos os propositores. Somos os propositores: somos o molde; a vocês cabe o sopro, no interior desse molde: o sentido de nossa existência. Somos os propositores: nossa

proposição é o diálogo. Sós, não existimos; estamos a vosso dispor. Somos os propositores: enterramos "a obra de arte" como tal e solicitamos a vocês para que o pensamento viva pela ação. Somos os propositores: não lhes propomos nem o passado nem o futuro, mas o "agora". (CLARK, 1968, [n.p]).

A criação das oficinas passou pela reflexão da forma como envolver os participantes de tal modo que se tornasse possível, e até irresistível, interagir. Para instigar o público a criar a sua *Boneca Feia*, única e individual, cada Oficina tem início com uma apresentação que consiste em explanação verbal acompanhada de projeções de imagens e de exposição presencial de *Bonecas Feias*. Esse é um momento importante da Oficina porque funciona como um chamado, uma convocação à criação. A apresentação é uma aula-performance e, como tal, pode diferir em alguns detalhes conforme a situação e o público, mas sua estrutura medular compreende um relato de minha trajetória e processos; a origem e história dos bonecos através dos tempos e os bonecos na arte. Essa estrutura é mutante e permite abordar com humor e ludicidade diversas questões referentes ao modo como a sociedade influencia na construção da nossa subjetividade.

A apresentação inclui a *Mala Amarela*, minha mala adaptada, que uso desde 2004, em praticamente todas as minhas performances ou ações artísticas, não somente como objeto de cena como para transportar adereços e equipamentos e, ainda, para expor objetos, sendo ela própria uma obra em si. A *Mala Amarela* funciona como o meu “museu portátil”, assim como as caixas de Marcel Duchamp. As *Bonecas Feias* para aquele dia são escolhidas dentre o meu acervo, transportadas e expostas na Mala, que fica aberta para apreciação e interação durante toda a Oficina.



Figura 1. Bonecas Feias na Mala Amarela, 2016. Fotografia da autora.

A aula feia

A partir do momento em que percebi que estava diante de um exemplo prático daquilo que costumo aplicar em meu trabalho artístico, de uma oportunidade de perceber e compreender um “erro” e incluí-lo enquanto parte do processo, e deste processo enquanto obra, vi que criara-se, aleatoriamente, a situação experimental para praticar tudo aquilo no qual eu mais acredito, e da forma mais real possível. Havia acontecido algo poderoso: a experiência.

Seguindo a acepção de Jorge Larrosa,

[...] a informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. (...) A informação não faz outra coisa que cancelar as nossas possibilidades de experiência. (LARROSA, 2015, p. 18).

O acaso fizera com que eu estivesse inteira, imersa numa vivência única e extremamente verdadeira de minha pesquisa, não somente acadêmica, mas na completude da minha existência enquanto artista e propositora. Concluí que a aula deveria ser uma *Aula Feia*,

para usar o termo que aplico de forma propositalmente irônica em meu trabalho, ou seja, com todos os seus possíveis defeitos – que a meu ver são perfeitos. Ao contrário de tentar mascarar meus sentimentos tentando ser forte, eu diria aos presentes o quanto estava emocionalmente destruída, porém desejando profundamente estar ali, expondo minha fragilidade ao invés de escondê-la: inserindo a minha experiência naquela primeira aula – e inteiramente disponível.

Deste modo, criei o que poderia afirmar a aula mais potente que já dei em toda a minha trajetória. Da forma mais verdadeira possível. Ironicamente, ou não, o meu estojo de maquiagem e higiene pessoal haviam sido levados no furto da mochila, e eu, sem recursos para comprar novos produtos, estava presente de “cara limpa”, ao natural, de forma crua em diversos sentidos, algo anteriormente inimaginável para mim, ainda que minha aula falasse exatamente disso. Apresentei o conteúdo teórico sem mostrar uma única imagem, pois até mesmo o computador que consegui emprestado para essa primeira aula não funcionou, pois era uma máquina antiga e incompatível com os equipamentos do local. Tudo acontecera de forma avessa. A aula era essa, o aprendizado se deu por meios distintos e imprevisíveis, entretanto, tanto ou mais pujante, pois a vida apresentara o exemplo mais pertinente que se poderia apresentar: a própria vida. Como afirma Boaventura: “Todo o conhecimento é autoconhecimento” (SANTOS, 2000, p. 66).

A Oficina aconteceu a partir de minha explanação sobre o ocorrido, desde o profundo desejo de ministrar o curso, o concurso que foi cancelado, a aprovação pela segunda vez, a demora em ser chamada, a longa preparação, a perda de tudo na véspera. O desespero, o desalento. A esperança. O computador que me havia sido emprestado e que deu errado ali, diante deles, me obrigando a resolver, costurar, rearranjar ainda mais uma vez o que já fora remen-

dado.

Todo o estudo do tema e a experiência anterior de Oficinas ministradas estavam gravados na minha mente e no meu corpo. Somados à experiência recentemente vivida, constituíram uma forma consistente de apresentar o assunto. O fato de eu estar lá, construindo uma aula que produzisse sentido para eles e para mim, com o que eu tinha naquele momento, é a motivação que busco estimular ao apresentar o conteúdo das oficinas, através de imagens da história das bonecas na arte ou a própria história das bonecas. O que havia acontecido, a forma como eu me sentia, era a representação perfeita dentro de sua imperfeição. Resignificar aquela experiência, tal qual resignificar os trapos de pano em pele, os botões ou miçangas em olhos, os fiapos e materiais descartados em órgãos ao construir um boneco. Aceitar e produzir a partir da imperfeição, compreendendo que o que temos, quando queremos criar algo, pode ser o bastante.

Assim como nas aulas de desenho, onde explicara tantas vezes aos alunos que um risco mal planejado ou fora do lugar acrescenta poesia e força ao trabalho pictórico, e não precisa ser imediatamente apagado com uma borracha que desmanchará o registro do processo, todos os eventos da vida não somente necessitam como melhoram a partir do erro. O erro é inevitável e necessário porque, sem ele, o resultado é asséptico – e inútil para a arte.

Criei a *Aula Feia* com o material que havia e, nessa criação, dei ainda mais potência ao corpo dessa ação. Produziu-se uma experiência coletiva a partir dos meus farrapos internos, de forma nova e diferente de tudo o que eu já havia feito, com tudo o que havia de conhecimento disponível em mim - uma analogia à criação de uma obra de arte.

A Oficina é uma “não-aula”, assim como me autodefino uma *des-educadora*. Senti isso quando, em 2010, ministrava as oficinas

de artes visuais para crianças de um ano e meio a dez anos. Percebi que não estava educando, pois as crianças, elas mesmas, se autoeducam, eu era somente uma pessoa propondo coisas e as deseducando das coisas que pensava precisar ser desaprendidas. Coisas como pensar que tinta é sujeira, por exemplo. Quando os pequenos vinham com as mãos repletas de tinta, apavorados, como se tivessem feito algo de muito errado: “me sujei, profe”... E eu explicava: “tinta não é sujeira”... Para então perceber desmanchar aquele semblante assustado num sorriso feliz. Foi por aí que descobri minha vocação para o deseducar. Em outros momentos, trabalhando também com adultos, percebi o quanto o deseducar era ainda mais urgente... Os adultos traziam em si ainda mais fortes essas educações equivocadas.

A *Oficina de Bonecas Feias* não é somente uma aula de como construir bonecos. É uma experiência que busca tocar de alguma forma o espectador. A produção de *Bonecas Feias*, é algo que se pretende levar para a vida, é a compreensão de que podemos acertar o acaso, abraçar o erro. Durante uma Oficina, certa vez, ouvi de uma participante: “*ah, mas as bonecas são apenas uma desculpa, as oficinas mesmo não são só isso.*” É isso. Antes dessa aula, apesar de toda a experiência, tudo não passava de teoria.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada acontece. Dir-se-ia que tudo que se passa está organizado para que nada se nos passe. Walter Benjamin já observava a pobreza das experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (LARROSA, 2015, p. 18).

A vivência e as reflexões surgidas a partir da aula feia propor-

cionaram considerações que reverberaram e contribuíram de forma prática em minha experiência devido à receptividade que tive diante dos fatos, o que só é possível através de um sistema de crenças pós-moderno. As bonecas feias possibilitaram a aula feia e vice-versa. Como afirma Boaventura (SANTOS, 2000, p. 66), “a ciência pós-moderna sabe que nenhuma forma de conhecimento é, em si mesma, racional; somente a configuração de todas elas.” A aplicação da junção de meu conhecimento, trabalhado ao longo de anos de formação, com sensibilidade e intuição, somente é possível numa epistemologia que valoriza a subjetividade. Para Bachelard, a intuição é fonte fundamental de conhecimento: é impossível a produção de um conhecimento estático, é impossível anularmos todos os conhecimentos habituais. O objeto boneca feia pode ser criado por qualquer pessoa que queira, que esteja imbuída da intenção de criá-lo, que compreenda que está muito além da boneca em si. A boneca feia carrega seus significados e sua poesia; compreendê-la é a parte mais complexa de sua criação porque passa pelo sensível, pelo invisível, pelo que está dentro.

A cor, que começa a agir pelas suas propriedades físicas, passa ao campo do sensível pela primeira interferência do artista, mas só atinge o campo da arte, ou seja, da expressão, quando o seu sentido está ligado a um pensamento ou a uma ideia, ou a uma atitude, que não aparece aqui conceitualmente, mas que se expressa; sua ordem, pode-se dizer então, é puramente transcendental. (OITICICA, 2009, p. 83).

Já não me interessa unicamente a construção do objeto boneca, um campo pré-determinado onde desenvolva meu fazer individualmente, mas que a ação dessa criação se dê imprevisível e multiplicadora, sendo a ação o objeto em si. “Já não quero o suporte

do quadro, um campo a priori onde se desenvolva o ato de pintar, mas que a própria estrutura desse ato se dê no espaço e no tempo.” (OITICICA, 2009, p. 84). Quero uma arte que transborde para a vida, como percebi ser possível na experiência da *aula feia*.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

CLARK, Lygia. Acervo Lygia Clark. Nós somos os propositores. Documento datilografado. 1968. Disponível em: <<https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/59279/nos-somos-os-propositores>> Acesso em: 05 abr. 2021.

COELHO, Frederico Oliveira. **Livro ou livro-me**: os escritos babilônicos de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ECO, Umberto. **As formas do conteúdo**. Trad, Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. **História da Feiura**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. **História da Beleza**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

_____. **A definição da arte**. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**: ensaio de antropologia simétrica. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: Escritos sobre experiência. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015.

_____. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 6 ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2017.

MONSELL, Alice Jean. **A (des)ordem doméstica: disposições, desvios e diálogos**. (Tese). 307f. Doutorado em Artes Visuais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2009.

OITICICA, Hélio. A transição da cor do quadro para o espaço e o sentido da construtividade. In: **Escritos de artistas: anos 60/70**. Orgs. Glória Ferreira e Cecília Cotrim. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

PARANHOS, Cláudia da Silva. **Bonecas Feias: Brincando (para resistir) com padrões do corpo na arte e na contemporaneidade**. (Dissertação). 140f. Mestrado em Artes Visuais, Universidade Federal de Pelotas. Centro de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2018.

SOUSA SANTOS, Boaventura. Da Ciência Moderna ao Novo Senso Comum. In: _____. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2000.